

0258
16/9/96 PG A-14

CULTURA

Idioma de descendentes de escravos pode ser extinto

Influência do rádio e da TV põe em risco a cupópia, falada na aldeia do Cafundó

JOSÉ MARIA TOMAZELA

SALTO DE PIRAPORA — A cupópia, língua de origem africana falada por descendentes de escravos na aldeia do Cafundó, na zona rural de Salto de Pirapora, região de Sorocaba, pode se extinguir em poucos anos. De acordo com o lingüista Silvio Vieira de Andrade Filho, que pesquisa o linguajar do Cafundó desde 1989, o número de falantes está reduzido a um grupo de 12 pessoas. Na década de 70, quando a aldeia ainda mantinha o isolamento, a cupópia era falada usualmente por toda a comunidade, num total de mais de cem negros.

A diluição do idioma ocorreu, acredita, por causa da influência do rádio e da televisão, que antes eram inacessíveis aos moradores. Levantamento feito pelo pesquisador mostra que, das 17 casas da aldeia, 10 têm rádio e 6 têm também televisão. "A chegada da energia elétrica, em 1985, melhorou um pouco as condições de vida dos moradores, mas trouxe prejuízo no aspecto cultural", disse. Os jovens perderam o interesse pelo aprendizado do vocabulário africano, de tradição oral.

O êxodo dos moradores, que deixaram o Cafundó à procura de em-

prego nas cidades próximas, reduziu a população para 70 pessoas e contribuiu para a perda do idioma. "Por falta de uso, os negros desaprenderam a fala", disse Andrade. Das cerca de 200 palavras africanas catalogadas no início das pesquisas por Andrade, de 30 a 40 já não são reconhecidas pela maior parte dos falantes atuais. Como a linguagem é dominada sobretudo pelos mais velhos, o fim do idioma está próximo, segundo o pesquisador.

Autor da tese de doutoramento O Léxico Africano do Cafundó, apresentada na Universidade de São Paulo (USP), Andrade Filho explicou que o linguajar dos negros baseia-se em vocábulos retirados de di-

ferentes línguas do banto africano. O vocabulário é utilizado com a sintaxe do português caipira, falado no interior paulista. O pesquisador acredita que a linguagem funcionou como uma espécie de código secreto, com o qual os es-

cravos podiam tratar de assuntos pessoais e discutir planos de fuga sem serem entendidos pelo senhorio. O isolamento, segundo ele, garantiu a preservação do código durante mais de um século.

Andrade reuniu as palavras em um pequeno dicionário. Seus estudos atraíram o interesse da pesquisadora Maria José Barbosa, da Universidade do Arizona (EUA). Ela está preparando um livro sobre comunidades remanescentes de africanos escravizados e vai incluir um capítulo sobre o Cafundó.

NÚMERO DE FALANTES ESTÁ REDUZIDO A 12 PESSOAS